

Destaques

A História de Moçambique tem outras versões diferentes das que conta a Frelimo

A crise de 1968 no "Instituto Moçambicano" na Tanzânia

O Dr. Eduardo Mondlane reconheceu que a maior parte dos dirigentes era do Sul. Defendeu-se, contudo, dizendo o seguinte: "Quando nós nomeamos indivíduos para cargos de chefia não reparamos para tribo ou região mas para a competência de cada um". Com essas palavras o Dr. Mondlane enfureceu ainda mais os estudantes por dar a entender que as pessoas do Centro e do Norte não eram competentes. A reunião teve que ser interrompida.

Lawe Laweki

Na entrevista que concedeu ao jornal "Savana" (edição de 16 de

Setembro de 2011), a Sra. D. Janet Mondlane pretendeu fazer crer que tudo andava bem na FRELIMO até que apareceram os padres Mateus

Gwenjere e Charles Pollet que teriam provocado "distúrbios" entre os estudantes do Instituto Moçambicano. Contando-me entre os moçambi-

canos que testemunharam os acontecimentos marcantes do Instituto Moçambicano, considero também meu dever contar o que vi, contribuindo

assim para a reinterpretação dos aspectos mal contados da história daquele estabelecimento de ensino.

Criação do Instituto e Angariação de Fundos

É rigorosamente verdade o que a Sra. D. Janet Mondlane diz na entrevista quando afirma que o Instituto Moçambicano foi uma ideia dela e do seu esposo, Dr. Eduardo Mondlane, com vista a garantir educação secundária aos jovens refugiados moçambicanos residentes na Tanzânia.

Após o casal Mondlane ter-se estabelecido em Dar-es-Salaam, a Sra. D. Janet Mondlane obteve financiamento da Fundação Ford depois de diligências efectuadas pelo Dr. Mondlane junto da Administração Kennedy. Foi o irmão do presidente americano, Robert Kennedy, quem conseguiu, através do ex-presidente da Corporação Ford, Robert McNamara, que fosse concedida essa ajuda. Na altura, McNamara desempenhava as funções de ministro da Defesa. A Fundação

Ford concedeu fundos para o primeiro ano do funcionamento do Instituto.

Este financiamento foi, contudo, interrompido devido a alegações de que a FRELIMO estava envolvida numa luta armada em Moçambique. A verdadeira razão, porém, estava no acordo da Base das Lajes nos Açores celebrado entre Portugal e os Estados Unidos. Com o agudizar do clima de guerra fria e a necessidade dos Estados Unidos continuarem a utilizar aquela Base, o governo de Lisboa exerceu pressões junto de influentes sectores nos Estados Unidos e através da Ford Lusitana para que fosse retirado o apoio norte-americano à FRELIMO.

Com o cancelamento do financiamento da Fundação Ford, a Sra. D. Janet Mondlane teve a ideia de se deslocar à Suécia à procura de fundos, já que os seus avós eram originários daquele país. Foi com o apoio

sueco que o Instituto funcionou até 1968. Este apoio seria, contudo, suspenso devido a crise de 1968 e só viria a ser retomado em 1971, quando a escola reabriu em Bagamoyo.

A crise de 1968 no Instituto foi alvo de uma grande cobertura da comunicação social sueca por duas razões:

1. Lourenço Mutuca, representante oficial da FRELIMO na Suécia e que dispunha de um forte apoio naquele país, deixou repentinamente a FRELIMO durante a crise de 1968, dando azo a dúvidas quanto à situação do movimento.
2. Uma jovem voluntária sueca, de nome Birgitta Karlström que ensinava Inglês no Instituto, foi expulsa da Tanzânia, aquando da expulsão de três moçambicanos brancos, por alegadamente "ter uma relação muito próxima" com um deles.

Janet Mondlane

FRELIMO—Director of the Mozambique Institute
Former National Director of International Cooperation
(Maputo, 30 April 1966)

The Suggestion: You and Eduardo Mondlane visited Sweden as early as 1964. Was that on your initiative or were you invited by a Swedish organization?

Janet Mondlane: When FRELIMO was founded in 1962, my husband and I decided that something should be done for the Mozambican refugees in Dar es Salaam and southern Tanzania. We decided to set up a school. As we had lived in the United States we approached the Ford Foundation for assistance. The foundation said that it would support the school and we were funded by them for about a year. Then Portugal made a complaint to the American ambassador, who in turn spoke to the US government. The US government was very concerned about what was going on and that the Ford Foundation was giving money to the Mozambican liber-

tion movement. The result was that the support was cut off very suddenly.

By that time, we were already functioning so it was very difficult. I then turned to Z. K. Matthews at the World Council of Churches and got funding for one year. However, as I know that it could not go on I searched in my mind, thinking how the world was at the time. I thought about Sweden, in great part because my grandparents were Swedish and I always felt a kind of alliance with the Swedish people. Thinking about that, I decided that I must go to Sweden. I invited myself. I went there looking for funds. My husband joined me later. I cannot remember who I saw first, but I must have been the Social Democrats Party.

Tk: Did you also visit the other Nordic countries?

Causas da "Crise de 1968" no Instituto

O Instituto Moçambicano funcionava em estreita cooperação com o Centro Internacional de Educação de Kurasini (Kurasini International Education Center - KIEC) onde estudavam jovens tanzanianos assim como jovens refugiados de África do Sul, Namíbia e Zimbábue. O Instituto servia apenas como um centro de preparação para os jovens moçambicanos prosseguirem estudos secundários no KIEC que se guiava pelo sistema de ensino britânico. O "difícil enquadramento" dos estudantes moçambicanos no KIEC foi a razão que a FRELIMO deu aos doadores para justificar a sua decisão de se desligar da Escola Internacional de Kurasini, passando a estabelecer o seu próprio sistema de ensino: os estudantes moçambicanos vinham de um sistema de ensino português com 4 anos de escola primária (da 1.ª classe até 4.ª classe) e 7 anos de escola secundária (do 1.º ano até 7.º ano). Esses estudantes eram enquadrados num sistema de ensino britânico com 7 anos de escola primária (de Stan-

dard I até Standard VII) e quatro anos de ensino secundário (de Form I até Form IV). Em face do acima exposto, "apareceu apenas uma solução para o problema: estabelecer uma escola secundária própria que seguisse um currículo moçambicano". Assim, em Outubro de 1966, o Comité Central da FRELIMO adoptou uma decisão que definia novos regulamentos para os estudantes moçambicanos em Dar-es-Salaam e no estrangeiro. De acordo com esta decisão, os estudantes moçambicanos não iriam mais prosseguir estudos no KIEC; iriam estudar até à 9.ª classe apenas, após o que deveriam seguir para campos de treino ou para interior; antes dos estudantes prosseguirem seus estudos no estrangeiro, deveriam "assumir responsabilidades nas bases militares e zonas libertadas de Moçambique" para um período de entre um e dois anos; durante as férias, os estudantes deveriam trabalhar nos centros de treino militar e nas "zonas libertadas"; os estudantes moçambicanos que estavam

a prosseguir estudos no estrangeiro deveriam regressar logo depois de concluírem o seu primeiro curso ou diploma; e os estudantes indisciplinados ou que chumbassem duas vezes na mesma classe, não seriam aptos para continuarem a estudar e deveriam ser encaminhados para campos de treino ou para o interior.

Numa carta dirigida aos estudantes nos Estados Unidos (que se presume que não tenha sido escrita pelo Dr. Eduardo Mondlane), a FRELIMO criticava os estudantes que "instigados por forças imperialistas" se recusavam a interromper os estudos. Os estudantes responderam com um ataque pessoal ao Presidente Eduardo Mondlane numa carta intitulada "A Revolução Moçambicana Atraiçoada" ("The Mozambican Revolution Betrayed").

Os estudantes moçambicanos no Instituto não se conformaram com esta decisão do Comité Central da FRELIMO, principalmente a deci-

são de não prosseguirem os estudos no KIEC onde estudavam os demais refugiados e de só poderem estudar até a 9.ª classe. Para eles, a decisão só tinha uma única explicação: os dirigentes da FRELIMO receavam que, ao continuarem a estudar no KIEC e no estrangeiro, os estudantes na sua maioria do centro e do norte de Moçambique, haveriam de lhes fazer concorrência mais tarde.

O assassinato, também em Outubro de 1966, do chefe do Departamento de Defesa e Segurança da FRELIMO, Filipe Samuel Magaia, tido como um comandante extremamente corajoso e bastante estimado pelos militares e estudantes, assim como o afastamento de quadros militares a ele fiéis, exacerbou a crise tanto no Instituto Moçambicano como no seio dos estudantes radicados nos Estados Unidos.

Na mesma época, os estudantes moçambicanos no estrangeiro, principalmente nos Estados Unidos e na então Checoslováquia, entraram em

rebelião aberta, protestando contra a decisão de terem que interromper os estudos para cumprimento do serviço militar no interior de Moçambique. Numa carta dirigida aos estudantes nos Estados Unidos (que se presume que não tenha sido escrita pelo Dr. Eduardo Mondlane), a FRELIMO criticava os estudantes que "instigados por forças imperialistas" se recusavam a interromper os estudos. Os estudantes responderam com um ataque pessoal ao Presidente Eduardo Mondlane numa carta intitulada "A Revolução Moçambicana Atraiçoada" ("The Mozambican Revolution Betrayed").

O assassinato, também em Outubro de 1966, do chefe do Departamento de Defesa e Segurança da FRELIMO, Filipe Samuel Magaia, tido como um comandante extremamente corajoso e bastante estimado pelos militares e estudantes, assim como o afastamento de quadros militares a ele fiéis, exacerbou a crise tanto no Instituto Moçambicano como no seio dos estudantes radicados nos Estados Unidos.

Destaques

Gwenjere não provocou a "Rebelião dos Estudantes"

A rebelião dos estudantes originou das medidas acima referidas, adoptadas pelo Comité Central da FRELIMO em Outubro de 1966.

O descontentamento reinante no seio dos estudantes datava, assim, de antes da chegada do padre Gwenjere a Dar-es-Salaam a 12 de Setembro de 1967. Em Novembro do mesmo ano, o padre Gwenjere viajou para Nova Iorque, tendo regressado no fim do ano lectivo.

O assassinato, também em Outubro de 1966, do chefe do Departamento de Defesa e Segurança da FRELIMO, Filipe Samuel Magaia, tido como um comandante extremamente corajoso e bastante estimado pelos militares e estudantes, assim como o afastamento de quadros militares a ele fiéis, exacerbou a crise tanto no Instituto Moçambicano como no seio dos estudantes radicados nos Estados Unidos.

Nos princípios de 1968, o padre Gwenjere desligou-se totalmente da Escola de Enfermagem, próximo do Instituto Moçambicano, onde leccionava, passando a trabalhar a tempo inteiro com o Baraza la Wazee (Conselho de Anciões formado por makondes e com grande influência entre os militares da FRELIMO) em Dar-es-Salaam e suas delegações em Zanzibar, e Mombaça. É importante realçar que no seu esforço para criar reformas

na FRELIMO, o padre Gwenjere gozava do apoio dos dois vice-presidentes tanzanianos, Abeid Karume e Rashid Kawawa; de Lawi Sijaona, ministro de Estado tanzaniano; e do chefe de segurança Gregory Kiliba.

Eram sempre os militares e os estudantes da FRELIMO que procuravam o padre Gwenjere para resolver os problemas existentes. O caso dos 16 ex-seminaristas enviados ao Insti-

tuto durante o ano lectivo de 1968 revela isso. Ao chegarem no Instituto, os ex-seminaristas foram submetidos a um exame de admissão.

Os que não foram bem sucedidos deviam seguir para a Escola Primária de Bagamoyo. Achando-se injustiçados, esses estudantes pediram a intervenção do padre Gwenjere e acabaram sendo readmitidos no Instituto.

"Rebelião dos Estudantes" no Instituto Moçambicano

No fim do ano lectivo de 1967, os resultados finais foram afixados num quadro, como de costume, e os estudantes que chumbaram deveriam eventualmente seguir para Nachingwea, de acordo com a decisão do Comité Central acima referida. Um dos estudantes que chumbou, de nome Luís Diogo, jogou tinta no quadro, tornando im-

possível a leitura de todas notas.

Quando os problemas foram resolvidos, os estudantes começaram a apresentar outros problemas que eram essencialmente políticos. Perguntavam: Porquê o Filipe Magaia foi morto? Por que razão a maior parte dos dirigentes da FRELIMO eram do sul? Por que razão os filhos

dos líderes não estudavam em centros educacionais da FRELIMO?

No início do ano lectivo de 1968, os dirigentes da FRELIMO mantiveram diversas reuniões com os estudantes, a fim de acalmar os ânimos. Os estudantes começaram por apresentar problemas relacionados com a sua vida estudantil. Diziam, por

exemplo, que o laboratório e a biblioteca não estavam bem apetrechados e que o cão do Dr. Mondlane comia melhor do que eles. Quando esses problemas foram resolvidos, começaram a apresentar outros problemas que eram essencialmente políticos.

Perguntavam: Porquê o Filipe Magaia foi morto? Por que razão a maior parte dos dirigentes da FRE-

LIMO eram do sul? Por que razão os filhos dos líderes não estudavam em centros educacionais da FRELIMO?

A verdade é que os estudantes não estavam interessados em prosseguir estudos no Instituto Moçambicano onde, de acordo com eles, os professores e o sistema de ensino eram de baixa qualidade.

Dr. Mondlane admite existência de tribalismo na FRELIMO

Em Fevereiro de 1968, o Dr. Eduardo Mondlane visitou as províncias de Cabo Delgado e Niassa. De regresso, foi ter com os estudantes no Instituto para inteirá-los do desenvolvimento da luta. O Dr. Mondlane falou de terrenos agriculturados nas zonas libertadas e do milho que "atingia a sua altura" na Província do Niassa.

Os estudantes começaram a fazer perguntas, como por exemplo: porque razão a maior parte dos dirigentes da FRELIMO era do sul? Respondendo a pergunta, o Dr. Mondlane disse que não havia tribalismo

ou regionalismo na FRELIMO. Para provar a sua afirmação, apareceu no Instituto no dia seguinte para uma reunião com os estudantes. Estavam também presentes os seguintes dirigentes: Urias Simango, Marcelino dos Santos, Lázaro Nkavandame, Armando Guebuza, Mariano Matsinhe, e o ex-deão Eduardo Coloma.

O Presidente Mondlane escrevia o nome de cada dirigente da FRELIMO no quadro e os estudantes diziam de que província vinha e de que tribo era. Gerou-se um ambiente de desor-

dem naquela reunião: o Dr. Mondlane aborreceu-se pelo facto dos estudantes (na sua maioria do centro e do norte de Moçambique) referirem-se a todos dirigentes do sul de Moçambique como "shanganas". Por outro lado, os estudantes também não gostaram do facto do Dr. Mondlane ter colocado alguns dirigentes do Sul na lista dos dirigentes do centro e do norte do país. A título de exemplo, Armando Guebuza e Marcelino dos Santos que nasceram no norte, assim como Mariano Matsinhe que viveu muitos anos em Tete, haviam sido

inicialmente colocados nas listas dos dirigentes do norte e do centro de Moçambique. No fim, o Dr. Mondlane reconheceu que a maior parte dos dirigentes era do sul. Defendeu-se, contudo, dizendo o seguinte: "Quando nós nomeámos indivíduos para cargos de chefia não reparámos para tribo ou região mas para a competência de cada um". Com essas palavras o Dr. Mondlane enfureceu ainda mais os estudantes por dar a entender que as pessoas do centro e do norte não eram competentes. A reunião teve que ser interrompida.



Eduardo Mondlane, de Gaza, e Urias Simango, de Sofala

Ataque armado no Instituto Moçambicano

No dia 6 de Março de 1968, Daniel Baulene Chatama agrediu um estudante de nome Paulino Xadree que acusando-o de transmitir informação à liderança da Frelimo. Na noite desse mesmo dia, por volta das 23:00 horas, o chefe da defesa Samora Machel, o chefe da segurança Joaquim Chissano, e o chefe da saúde Aurélio Manave, acom-

panhados por um indivíduo drogado de nome Luís Arranca-Tudo, todos armados, dirigiram-se ao Instituto para "dar lição" aos estudantes.

Por volta das 23:00 horas, o chefe da defesa Samora Machel, o chefe da segurança Joaquim Chissano, e o chefe da saúde Aurélio Manave, acompanhados por um indivíduo

drogado de nome Luís Arranca-Tudo, todos armados, dirigiram-se ao Instituto para "dar lição" aos estudantes. O Arranca-Tudo, enviado para o dormitório dos mais novos, pontapeava e lançava os estudantes dos seus beliches para o chão, obrigando-os (muitos deles nus) a marchar para fazer formatura no rés-do-chão.

Os estudantes mais velhos tinham os seus dormitórios no rés-do-chão, enquanto os mais novos e as raparigas dormiam no primeiro andar. O Arranca-Tudo, enviado para o dormitório dos mais novos, pontapeava e lançava os estudantes dos seus beliches para o chão, obrigando-os (muitos deles nus) a marchar para fazer formatura no rés-do-chão. As

raparigas que estavam do outro lado do andar não foram incomodadas.

Alertada sobre a presença de homens armados no Instituto, a polícia tanzaniana interveio, neutralizando os atacantes. Aurélio Manave foi bastante maltratado pela polícia tanzaniana por ter sido encontrado na posse duma pistola que tinha disparado tiros.

Encerramento do Instituto Moçambicano

O Dr. Mondlane estava no Reino Unido quando o Instituto foi atacado. Quando regressou, ouviu apenas a versão dos atacantes que foram humilhados pela polícia tanzaniana e mandou encerrar o instituto, ordenando que todos estudantes seguissem para Nachingwea.

Os estudantes não acataram a ordem e dirigiram-se ao Gabinete do vice-presidente tanzaniano Rashid Kawawa. Os estudantes permaneceram no pátio do Gabinete quase todo o dia sem serem recebidos. Por volta das 16:00 horas, viram um grupo de polícias armados dirigindo-se em sua direcção, gritando "choto-kulia, choto-kulia (esquerda-direita, esquerda-direita)", tendo, em seguida, o chefe deles dito o seguinte: "Senhores, estão presos".

Na prisão, durante quase três semanas, a comida era xima com feijão podre todos os dias. Os estudantes faziam necessidades menores e maio-

res dentro das celas onde dormiam. Alguns dias depois, quando um dos agentes da polícia apareceu, um dos estudantes disse num Swahili torto: "Na mimba" ("Estou grávido"). Pensando que os estudantes praticavam homossexualidade, o agente reparou para os rapazes mais velhos e perguntou: o que vocês fazem aos miúdos? Logo a seguir informou um superior seu da ocorrência. Quando o superior e outros agentes vieram, tinham a intenção de separar os mais velhos dos mais novos. Foi então que um dos rapazes que dominava bem o Swahili disse: "não há nenhum problema, chefe.

O miúdo queria simplesmente dizer que está com dores de barriga". Os polícias desataram às gargalhadas. Foi quando procuraram saber porque é que os estudantes se encontravam presos. Depois da explicação, solidarizaram-se com a causa deles e começaram a limpar as suas celas.

Reunião com dirigentes da FRELIMO, Tanzania e OUA

No dia em que os estudantes saíram da prisão, foram levados ao Instituto para uma reunião com dirigentes da FRELIMO, dirigentes tanzanianos representados por Rashid Kawawa e Lawi Sijaona, e o representante do Comité de Libertação da OUA George Magombe. Dirigindo-se aos estudantes, o Dr. Mondlane disse, entre outras coisas, o seguinte: Os estudantes não estão interessados em prosseguir seus estudos no Instituto Moçambicano. Assim sendo, a partir de hoje, o Instituto está encerrado e todos devem seguir para Nachingwea.

O Dr. Mondlane disse, entre outras coisas, o seguinte: Os estudantes não estão interessados em prosseguir seus estudos no Instituto Moçambicano. Assim sendo, a partir de hoje, o Instituto está encerrado e todos devem seguir para Nachingwea.

Ao ouvirem esta decisão, os es-

tudantes pediram ao vice-presidente tanzaniano que não permitisse que eles fossem levados para Nachingwea "porque seriam encaminhados para o interior de Moçambique e fuzilados".

Ao ouvirem esta decisão, os estudantes pediram ao vice-presidente tanzaniano que não permitisse que eles fossem levados para Nachingwea "porque seriam encaminhados para o interior de Moçambique e fuzilados". A decisão de Rashid Kawawa foi de que ninguém seria forçado a seguir para Nachingwea. Foi quando a liderança da FRELIMO informou que os estudantes que não queriam seguir para Nachingwea seriam expulsos da FRELIMO. De um total de 150 estudantes, apenas 28 se prontificaram a seguir para Nachingwea. O Governo tanzaniano encarregou-se de alugar um camião para transportar os restantes estudantes para o Campo de Refugiados de Rutamba.

Não se apercebendo de que dentro do camião dos estudantes que seguiam para Rutamba estavam militares tanzanianos armados, o camião da FRELIMO, sob o comando de um mulato de nome Olímpio, perseguiu o camião tanzaniano para raptar os estudantes que seguiam para Rutamba. Ao serem alertados, os militares tanzanianos desceram do camião com armas na mão e ordenaram que o camião da FRELIMO voltasse para trás e seguisse a estrada certa, já que aquela não era a estrada para Nachingwea.

Foi com o dinheiro do "santo" padre Charles Pollet que muitos dos estudantes desterrados no Campo de Refugiados de Rutamba, conseguiram fugir de lá para Nairobi, Quênia, aonde, por sua recomendação, receberam bolsas de estudo junto das Nações Unidas e da International University of Exchange Fund para prosseguirem seus estudos. (Canal de Moçambique)